
EDITORIAL

DOM JOÃO RESENDE COSTA: O SERVIÇO DA UNIDADE

Na última quinta-feira santa, Dom Serafim Fernandes de Araújo presidia, por primeira vez como Arcebispo de Belo Horizonte, a Missa do Crisma, que mais uma vez reunia no Mineirinho, momentaneamente convertido em grandiosa catedral, o presbitério da Arquidiocese e numerosas representações dos fiéis de todas as paróquias. Concelebrando ao lado do Arcebispo, com a simplicidade que o caracteriza, estava o Arcebispo Emérito Dom João Resende Costa, que no dia cinco de fevereiro comunicara aos fiéis a notícia do seu afastamento do governo da Arquidiocese, em consequência da aceitação do seu pedido de renúncia apresentado ao Papa, em 16 de julho do ano passado, ao aproximar-se a data do seu 75º aniversário, e reiterado insistentemente na sua visita a Roma em setembro do mesmo ano.

Bandeirolas com os dizeres "Unidade" e "Paz" enfeitavam o estádio, dando o sentido desta celebração da quinta-feira santa. Mas, intencionalmente ou não, essas palavras, associadas às circunstâncias que envolviam a celebração, faziam dela o símbolo eloqüente daquilo que foram os 28 anos de dedicação de Dom João à Arquidiocese de Belo Horizonte. Algumas das comunidades presentes ostentavam faixas agradecendo ao Arcebispo Emérito o carinho e a solicitude desses anos de pastoreio. A permanência de Dom João na Arquidiocese, a pedido de Dom Serafim, colaborando em crismas, celebrações e outros ministérios, "com os poderes como de Vigário Geral", que o novo Arcebispo lhe oferecera ao assumir a sua missão, é um sinal transparente do clima de harmonia e corresponsabilidade que o Arcebispo Emérito deixa como herança preciosa à Igreja de Belo Horizonte.

Certamente, ao longo da celebração, estes pensamentos e outros semelhantes vinham à mente dos participantes. "O jurídico pode ter mudado" — escrevera Dom Serafim na mensagem ao seu antecessor — "mas o resto permanece como era. Seja, mais do que nunca, nosso centro de união, de estima, de afeição. Seja, pela presença, pela prece e pela ajuda, o Anjo tutelar da sua e nossa querida Igreja de Belo Horizonte". A presença humilde e discreta de Dom João nesta celebração não faz senão traduzir as palavras que dirigira a Dom Serafim ao comunicar-lhe o seu afastamento: "E eu, na medida de minhas possibilidades, irei continuando a trabalhar na Santa Igreja em todo serviço que me for

solicitado, dispensado, no entanto, dos encargos e responsabilidades que cabem ao Arcebispo metropolitano”.

*A Perspectiva Teológica não pode deixar passar esta circunstância sem prestar uma homenagem de gratidão a quem com tanto carinho acolheu na Diocese e constantemente incentivou o Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, num momento em que infundados temores e equívocos obrigaram a mudar o rumo de sua planejada localização. Caminhos desconcertantes da Providência que se revelaram maravilhosamente sábios! Ao escolher este tema para o Editorial, o Conselho de Redação quer também explorar, em termos de reflexão teológica, a riqueza que pode esconder-se na abnegada **diakonia** de uma vida totalmente dedicada ao serviço da unidade na Igreja. A teologia sabe muito bem que anterior à sua reflexão erudita e aquilo que a fecunda é a vida concreta dos homens que, guiados pelo Espírito, tentam abrir caminhos ao Evangelho; mesmo quando esta vida seja a vida de alguém que como Dom João se doutorou em Teologia e nunca deixou de cultivar, ao longo do seu pastoreio do Povo de Deus, o estudo da Ciência Sagrada.*

“Serviço da unidade”: eis a melhor definição do episcopado de Dom João. Mas nisto aparecem já o desprendimento e a despreensão que marcam sua vida: o serviço da unidade aparece já nos mais antigos escritos dos Padres como a definição do episcopado. Dir-se-ia que Dom João não quis outra coisa senão realizar com radicalidade, e por isso mesmo modestamente, a missão a ele confiada ao ser nomeado Bispo. E Deus lhe deu certamente o carisma do discernimento para encontrar os caminhos que conduzem à unidade e têm como fruto precioso a paz. Caminhos nada fáceis, pois a história do ministério na Igreja mostra à sociedade como o zelo indiscreto pela unidade acaba causando divisões mais profundas do que aquelas que pretendia combater.

A unidade eclesial só pode ser concebida como unidade na multiplicidade, por ser unidade de fé e não unidade ideológica. A fé é uma realidade eminentemente pessoal e vital: uma realidade “mística”, consistente na acolhida pelo indivíduo, na própria vida, do Mistério de Deus revelado no Cristo. Através da ação do Espírito ele se apresenta à singularidade de cada consciência como interpelação “imediate” do Deus vivo. As mediações eclesiais, necessárias, não suprimem, antes causam, essa imediatez da Palavra divina, única capaz de gerar a obediência da fé. Sua normatividade para a fé do indivíduo, que deve saber reconhecer-se na confissão eclesial da fé, não pode ser negada e no entanto a fé não pode ser reduzida à mera repetição das fórmulas comuns. O serviço episcopal situa-se neste contexto como mediação instituída por Cristo para que as expressões da fé do indivíduo não tenham como re-

sultado uma multiplicidade sem unidade. É mediação na linha do sinal: o bispo é para a Igreja particular o sinal do Cristo, fonte perene, através do Espírito, da unidade da fé eclesial. Da mesma forma, o primado do Papa é mediação instituída pelo Senhor para o serviço da unidade na fé das Igrejas particulares disseminadas pelo mundo.

Não é por acaso que a estruturação progressiva destas instituições e a consciência crescente das suas implicações tenham sido provocadas pelo surgimento, na história da Igreja, daquilo que arrastaria o cristianismo a converter-se numa multiplicidade sem unidade: a heresia. É por isso também que as formas do exercício desses ministérios da unidade podem e devem variar de acordo com as exigências da história. A renovação promovida pelo Vaticano II quer precisamente levar adiante na Igreja os movimentos, suscitados pelo Espírito, que estavam exigindo maior corresponsabilidade e participação de todo o Povo de Deus na expressão de uma fé que só pode ser comum na medida em que nasce do coração de cada fiel, pela ação sempre personalizante e unificante do Deus vivo. Certas formas do ministério da unidade, exigidas por conjunturas históricas peculiares, ao perpetuar-se e enrijecer-se indevidamente, tendiam a abafar a manifestação pluriforme da vida dos fiéis, numa unidade imposta de cima para baixo, tendo como resultado a monotonia de uma ortodoxia nascida da repetição de fórmulas e gestos que acabam esvaaziando-se da força transformadora do Evangelho que tentavam traduzir.

Não era de esperar que ao fazer este retorno da posse tranqüila das fórmulas para a vida — e justamente para uma vida suscitada pela soberana liberdade do Espírito — haveriam de surgir as tensões e crises que os anos pós-conciliares conheceram?

Quando Dom João assumiu o governo da Arquidiocese, em 1957, deparou-se com uma Igreja em efervescência. O Movimento Litúrgico, as idéias, então "revolucionárias", de Maritain — manifestações de uma vida que procura renovar-se — tinham criado sérias tensões e agudas polarizações no povo de Deus que se refletiam principalmente entre os membros do clero, os seminaristas e os leigos engajados na Ação Católica e nas Congregações Marianas. Basta escutar os testemunhos das pessoas que viveram aqueles tempos agitados ou folhear o Livro do Tombo do Seminário Provincial, para ver até onde tinham chegado as desconfianças e acusações recíprocas das partes envolvidas numa contenda que chegou a implicar as autoridades romanas e que, não fosse a mão firme e o espírito compreensivo de Dom Cabral, teria gerado um verdadeiro caos na Arquidiocese.

E Dom João chegou, com a mansidão e a discrição que lhe são próprias, e foi agindo com respeito, amorosamente... Não faltaram os que confundiram a sua prudência esclarecida com fraqueza: aqueles que

não sabem conceber a autoridade a não ser como um aliado para superar os conflitos com a eliminação do contrário. Teriam gostado de ouvir a voz do Pastor fulminando condenações contra os que não pensavam como eles. Vieram depois os anos, tão ricos em vida, da abertura conciliar, com suas crises inevitáveis numa Igreja desacostumada a viver a liberdade do Evangelho. E simultaneamente, os anos obscuros da revolução de 64, com sua fúria anticomunista — tão astutamente forjada! — que chega a seu apogeu em 68 e desencadeia a perseguição aberta a quantos denunciam as injustiças sociais, culminando no inquérito militar e no julgamento de 30 padres da Arquidiocese. Ficou patente, na ocasião, a firmeza e a coragem profética que se escondiam no agir sereno e pacífico do Arcebispo.

E agora, quando ele deixa a responsabilidade do governo da Arquidiocese, depois de completar 50 anos de sacerdócio (aos 28 de julho de 1985), há um sentimento unânime na Igreja de Belo Horizonte: o sentimento da unidade da Igreja particular de Belo Horizonte. Unidade na multiplicidade. Unidade que respeita os caminhos do Espírito em cada comunidade e em cada indivíduo. Unidade, evidentemente, da Igreja peregrina, sempre ameaçada e por isso vigilante e em constante atitude de discernimento, tendendo para uma unidade sempre maior, em comunhão com todas as Igrejas.

Está aqui a lição de uma vida ao serviço da unidade eclesial, que pode ser extraordinariamente fecunda para a reflexão teológica.

“O jurídico pode ser mudado, mas o resto permanece como era” — dizia Dom Serafim. O Arcebispo mudou, podemos dizer nós, mas a Igreja de Belo Horizonte pode continuar tranqüila, sem traumas, o caminho da unidade. Dom João, guiado por uma sabedoria que vem do Alto, entendeu que a unidade da porção do povo de Deus que lhe coube presidir, não deveria nascer como cópia ou reflexo da sua forma peculiar de viver o Evangelho, mas do concerto sinfônico de muitas vozes e muitas vidas. No Bispo, como num espelho, essas vozes e essas vidas podem reconhecer a autenticidade da fé que os anima, ao contemplar o vínculo que as une: a imagem do Cristo impressa no coração de cada fiel pelo Espírito de Deus.

*E alargando a reflexão até atingir o horizonte universal ou católico da Igreja, compreendemos também, em face da figura inspiradora de Dom João, que a unidade das Igrejas espalhadas pelo mundo não nasce da ilusória pretensão de serem cópias da Igreja de Roma, mas de aprenderem a reconhecer e contemplar refletida como num espelho, na escolhida para ser **caput ecclesiarum**, a Imagem da Cabeça do Corpo: o Cristo que anima e une todas as Igrejas através da multiforme profusão dos carismas do Espírito.*